

SIMONE HOMEM DE MELLO (TRANSCRIÇÃO)

Boa noite a todas e todos. Eu coordeno o Centro de Estudos de Tradução Literária da Casa Guilherme de Almeida e vou falar brevemente sobre a concepção do Museu-Casa como uma instituição que não só faz a extroversão de seu próprio acervo como também cultiva o patrimônio imaterial ligado à temática do seu acervo. Guilherme de Almeida, além de ter sido um tradutor com um prestígio que perdura até hoje, foi, entre os modernistas, o que mais se dedicou à prática e ao pensamento sobre a tradução literária, essa arte que é, no Brasil, uma “arte de ponta”, por assim dizer, assim como a música popular e a poesia, uma arte que tem uma tradição bastante longa, com capítulos bastante interessantes, e na qual o Brasil é muito mais elaborado do que a maior parte dos países desenvolvidos. Então, a gente tem um grande patrimônio a ser transmitido e cultivado.

Desde a reinauguração do museu, em 2010, trabalhamos em vários níveis no sentido de preservar essa memória, não só colaborando para o aperfeiçoamento de tradutores literários, mas também conscientizando o público-leitor das sutilezas dessa arte. Nisso a gente se deu muito bem, porque a tradução literária é algo que é abordado só em nível de pós-graduação nas universidades, e muitos dos tradutores literários não querem fazer uma pós-graduação, não têm esse interesse, têm interesse na prática da tradução. A gente faz uma interface entre o tradutor, que está atuando no mercado, o estudante, que aspira à essa profissão, as editoras, que têm um processo editorial a ser conhecido por quem pratica essa profissão, os escritores, que se encontram aqui com seus tradutores, muitas vezes, e os pesquisadores, que estão nas universidades.

Nesse sentido, a Casa Guilherme de Almeida funciona como uma referência nessa área em todo o Brasil. Com a pandemia e o início de uma programação eminentemente online, foi possível perceber o grande interesse pela Casa Guilherme de Almeida. Esse grande interesse também se manifesta porque temos uma rede de instituições com a qual trabalhamos e estamos ampliando há mais de dez anos. Ela tem diversas instituições no exterior e no Brasil todo, e, com a falência do incentivo à cultura nos últimos anos, percebemos a importância de trabalhar em rede. Sobretudo as instituições federais – como a Biblioteca Nacional e as universidades federais em todo o

Brasil –, com as quais costumávamos fazer grandes projetos, estão absolutamente sem recursos, de modo que é importante manter essa solidariedade e essa conexão, para que a reflexão continue.

Mesmo porque, além do âmbito específico do exercício da profissão do tradutor literário, que é uma arte, o nosso objetivo também é alfabetizar o público leitor interessado em literatura e na leitura da literatura traduzida. Quando a gente compra o romance de um escritor estrangeiro e está lendo em português, quem escreveu esse livro não foi o escritor estrangeiro, mas sim o tradutor. A ilusão da arte da tradução é tão boa que a gente acha que está lendo Shakespeare quando lê uma tradução [risos]. É uma ilusão que funciona muito bem e que a gente cultiva aqui, mas, por outro lado, isso torna a profissão do tradutor absolutamente invisível. O tradutor é aquele que raramente é mencionado nas resenhas de livros e o que ganha pouco pelo seu trabalho. Então, a visibilização dessa profissão é importante não só para uma profissionalização maior nesse âmbito, como para um exercício de reflexão e da crítica à linguagem. O que faz muita falta na nossa sociedade é as pessoas saberem ler, ler criticamente, para não serem manipuladas. Aqui, a gente aborda a tradução literária como uma capacidade crítica de leitura, como uma “alfabetização” para a percepção crítica da linguagem, para a apreensão de nuances e do teor ideológico. Porque sem isso você não traduz nada. Isso também é de interesse do público de leitores.

Em um sentido mais amplo, nenhuma tradução é feita sem uma reflexão muito séria sobre interculturalidade. A cada frase que você traduz de uma obra estrangeira você está, o tempo inteiro, envolvido com questões de interculturalidade. Como tratar isso? A gente tem diversas tradições, diversos discursos sobre o que é a tradução literária. No Brasil, produzimos alguns dos mais importantes discursos que circulam no mundo inteiro, entre eles o das nossas vanguardas: nossa vanguarda moderna, não só com Guilherme de Almeida, mas também com a concepção de antropofagia por Oswald de Andrade; e nossa segunda vanguarda, nas décadas de 1950 e 1960, com o grupo Noigandres (Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari). A ideia é a gente manter esses discursos em debate, em reflexão, porque, dada a grande ocupação das novas gerações com mídias completamente diferentes, o risco de perda de memória de uma

geração para a outra é muito grande. Então, o nosso esforço é no sentido de manter essas tradições vivas e em cultivo vivo.

Depois de termos estabelecido os programas formativos, uma programação livre, edições, projetos de pesquisa, muitas parcerias no Brasil e no exterior, neste ano foi criado um projeto piloto para abordar o Brasil como o país multilíngue que é e tornar nossa cultura acessível a nós mesmos. Escolhemos como foco os Guarani-Mbya, que vivem na cidade de São Paulo, nas aldeias das terras indígenas do Jaraguá e de Tenondé Porã (Parelheiros). A ideia é abrir o espaço do museu para eles virem apresentar a sua visão em relação à linguagem, em relação ao bilinguismo, que lhe é típico, para a gente aprender a língua deles (tivemos neste ano um curso de Língua e Cultura Guarani), além de promover discussões sobre como tratar, considerando que somos um museu literário, as culturas orais e as culturas que não separam a arte da espiritualidade. Trata-se de você o foco do que seria a “literatura” de um viés ocidental para o viés do que é a palavra, a linguagem, do que são os textos verbais, a arte verbal de culturas extraocidentais. Isso a gente pretende continuar e ampliar nos próximos anos.

Em relação ao tema de reconstruir o passado no presente, aquilo de que a gente mais precisa, na minha opinião, é manter a inteligência brasileira – para citar novamente Max Bense, o filósofo alemão que escreveu o livro *A inteligência brasileira* –, manter essas tradições iluminadas, que a gente tem e são tantas, vivas. À medida que resgatamos a memória, tornamos o passado presente e podemos fazer frente ao profundo retrocesso que enfrentamos há alguns anos. Acho que mais do que nunca, em muitos níveis, há um profundo retrocesso, não só de direitos, mas de consensos sobre convívio social, coisas que considerávamos resolvidas, mas agora sabemos não serem consensuais. Mais do que nunca é importante uma reflexão sobre o que é a convivência entre culturas, o respeito a todas as culturas e a riqueza de sermos um país tão diverso, uma história tentamos manter viva.

Era isso o que eu tinha a dizer em relação a esse tema, e é um prazer estar aqui com vocês todos.

Simone Homem de Mello é escritora e tradutora literária. Escreveu *libretti* para as óperas *Orpheus Kristall* (Munique, 2002), *Keine Stille außer der des Windes* (Bremen, 2007; Mannheim, 2022), *UBU – eine musikalische Grotteske* (Gelsenkirchen, 2012). Seus poemas em português estão reunidos nos



livros *Périplos*, *Extravio Marinho*, *Terminal*, *à Escrita* e em antologias brasileiras e estrangeiras de poesia contemporânea. Suas mais recentes publicações são *Augusto de Campos – Poesie* (organização e tradução para o alemão, 2019), *Ensaio sobre o cansaço* e *Ensaio sobre o dia exitoso*, ambos de Peter Handke (tradução, 2020), *Arno Holz: Phantasia – Poema non-plus ultra* (tradução e teoria, 2022). Coordenou, de 2012 a 2014, o Centro de Referência Haroldo de Campos da Casa das Rosas, onde hoje atua como pesquisadora de acervo. Desde 2011, coordena o Centro de Estudos de Tradução Literária da Casa Guilherme de Almeida.